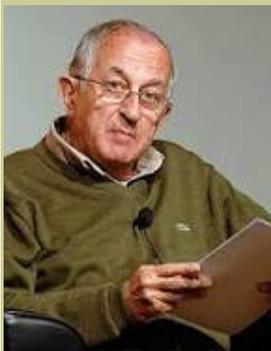


A ESCRITURA DO EU EM *COTO VEDADO* DE JUAN GOYTISOLO

Carmelita Tavares Silva

A obra que figura no título deste artigo - *Coto vedado* (1985) - apresenta a autobiografia de Juan Goytisolo, tendo como eixo narrativo a Guerra Civil Espanhola. A situação política da Espanha e seus reflexos e consequências na vida do autor e de sua família constituem o conteúdo de um texto marcado, ora pela ironia e pela crítica, ora pela amargura e desencanto, mas todo o tempo coerente, consciente e humano. O projeto autobiográfico de Goytisolo, entendemos, pode ser lido como uma proposta de interpretação da história espanhola.



JUAN GOYTISOLO

O autor se destaca como um dos escritores vivos de maior representatividade na literatura espanhola, com uma produção que inclui ensaios, contos, crônicas, romances, relato autobiográfico e reportagens jornalísticas. A crítica o considera um dos mais importantes da geração da metade do século. Quando se refere ao seu processo criativo Goytisolo enfatiza a importância de romper com os cânones literários dominantes e tomar a tarefa da escritura como uma possibilidade única de questionar a validade desses cânones, e desta forma questionar também a realidade histórica que em um dado momento lhe outorgou tal status.

Coto vedado (1985) apresenta uma narrativa dividida em duas sequências, em que se alternam a primeira, a segunda e, por vezes, a terceira pessoa do singular. A narrativa se inicia com a referência a uma personagem da obra de Andrei Biéli *Petersburgo* publicada de 1913 em que é possível perceber uma crítica ao próprio gênero autobiográfico, no concernente à descrição da árvore genealógica: "Espulgar genealogías se reduce a descubrir, dice el narrador socarrón del *Petersburgo* de Biely, la existencia final de linajes ilustres en las personas de Eva y Adán" (GOYTISOLO, 1985, p.11).

A primeira parte do relato apresenta fatos da vida do autor e tem como marco temporal o ano de 1936, quando Goytisolo contava cinco anos de idade, e se estende pelos primeiros anos da sua juventude. Vale lembrar que é sempre a Guerra Civil o pano de fundo da narrativa. Sua atenção está centrada muito mais em seus familiares e fatos, pitorescos ou não, a eles associados. Descrição de lugares, hábitos familiares, situação econômico-financeira da família, eventos que antecedem à Guerra Civil, os primeiros anos de estudo, a doença do pai, a morte trágica da mãe e os anos penosos do pós-guerra ocupam praticamente toda essa primeira parte da obra. Dessa forma o leitor é informado do contexto histórico da época e das vivências de um menino da classe burguesa de Barcelona, que se verão refletidas em sua obra, transitando, muitas vezes, nos imprecisos limites da ficção e da realidade

Imágenes coladas como a través de un tragaluz: estás sentado a oscuras en el suelo de una habitación, posiblemente bajo la mesa del comedor y, [...] contemplas a los adultos, [...] ignorantes de la futura evocación de la escena y la presencia minúscula del escrutador. El recuerdo podría corresponder a tu primer domicilio de la calle de Raset o, [...] más probable, a alguna visita familiar a la bisabuela en su villa de Pedralbes (GOYTISOLO, 1985, p.47).

Na segunda parte, um Goytisolo já adulto - com 32 anos - centra em si o foco da narrativa e discorre sobre suas experiências na universidade, sua militância política, o círculo de amizades, o casamento com Monique Lange, a prática literária, os conflitos decorrentes de sua identidade sexual, encerrando com o tema recorrente em sua produção - o problema da Espanha. A Guerra Civil se mantém como tela, entretanto a atenção do autor volta-se mais para a análise da vida espanhola no contexto franquista e a forma como maneja sua vida dentro desse ambiente. As citações que servem como epígrafes para a obra podem ser consideradas também como reconhecimento/homenagem de Goytisolo aos vários autores franceses que o influenciaram e que são frequentemente citados em *Coto vedado*: Sartre, Gide, Proust, Malraux e, de forma especial, Jean Genet. Merece registro o fato de que, ao mesmo tempo em que destaca o papel importante desempenhado por sua esposa, Monique Lange, em sua carreira, Goytisolo cita também a contribuição positiva de Genet em seu trabalho de escritor

Su vigilancia moral [...] contribuirá de manera decisiva, en nuestros primeros años de vida en común, a curarme de mi propensión inicial al arribismo y obsceno cosquilleo de la notoriedad: larga y porfiada batalla contra mí mismo en la que

su rigor y el ejemplo simultáneo de Genet me impedirán convertirme en uno de esos botijos orondos, hidrópicos de autosuficiencia que, con su ubicuidad telegénica, se exhiben a diario en el parnasillo peninsular. (GOYTISOLO, 1985, p.262).

Esse comentário revela duas características importantes que pontuam em sua autobiografia – a primeira seria a crítica à burguesia espanhola, e em especial aos escritores espanhóis que, segundo declarações reiteradas do autor, pecam pela falta de inovação e cultivam a ostentação, atribuindo-se uma importância maior, talvez, do que aquela a que fazem jus. A segunda característica aparece quase sempre como uma confissão de culpa. Trata-se do reconhecimento de sua limitação e vulnerabilidade. Ao desnudar-se diante do leitor, assumindo seus medos, inseguranças, angústias, timidez, indecisão, acovardamento e vaidades, o autor, de certa forma, confere credibilidade ao seu relato evitando apresentar-se como paradigma e colocando-se, por inteiro, dentro da dimensão humana de pessoa e não de personalidade literária.

Ao relatar sua infância e adolescência, o autor apresenta a saga de seus antepassados e criticando a pretensa nobreza alardeada bem como a forma espúria pela qual amealharam sua fortuna. Em outras palavras, Goytisoló condena a prática, comum à época, de utilização da mão de obra escrava e se declara envergonhado da ação de seus familiares nessa área. Tal foi o caso de seu bisavô Agustín Goytisoló, proprietário de terras e de engenhos de açúcar em Cuba, cuja fortuna foi dessa forma construída. Esse fato vem a público quando um tio descobre nos arquivos da família, entre outros documentos, cartas de antigos servos que faziam solicitações ao seu bisavô. O autor confessa que o impacto que lhe causou o descobrimento desses episódios contribuiu para sua militância no Partido Comunista e registra textualmente

[...] Una tenaz, soterrada impresión de culpa, residuo sin duda de la difunta moral católica, se sumó a mí ya aguda conciencia de la iniquidad social española e índole irremediavelmente parasitaria, decadente e inane del mundo al que pertenecía. Acababa de descubrir la doctrina marxista y su descripción minuciosa de los privilegios y atropellos de la burguesía [...] (GOYTISOLO, 1985, p. 11).

Observa-se, portanto, em *Coto vedado* (1985) já desde o primeiro parágrafo a crítica aos valores burgueses de sua família, e por extensão à sociedade catalã, está presente: “[...] mi padre, en uno de los arrebatos de grandeza que antecedían o preludiaban sus empresas y descalabros, se había forjado un escudo familiar [...]” (GOYTISOLO, 1985, p. 9). Esta crítica se estende por toda a narrativa e imprime ao gênero autobiográfico características muito

particulares que rompem com os padrões estéticos utilizados. A respeito dessa obra assim se expressou Goytisoló à época de seu lançamento: "*Coto vedado* es un libro que le debe todo a España y nada a la tradición literaria española. [...] un género que no se ha cultivado en este país, [...] y que sí ha tenido numerosos y magníficos ejemplos en las literaturas francesa e inglesa" (CONTE, 2015).

Philippe Lejeune, em sua obra *O pacto autobiográfico* (LEJEUNE, 2008), aponta algumas questões a respeito do gênero autobiográfico, tais como a própria dificuldade de definição, as relações pouco claras entre biografia e autobiografia, entre romance autobiográfico e autobiografia. O autor propõe uma definição centrada na perspectiva do leitor, situada temporalmente nos dois últimos séculos (a partir de 1770), e focada, geograficamente, na literatura. Associa ao aspecto histórico um aspecto textual, complementando sua definição mediante o uso de um sistema de oposição entre os vários tipos de textos. Como o próprio Lejeune afirma, trata-se de uma definição "relativizada e explicitada" (LEJEUNE, 2008, p.13).

Assim Lejeune define a autobiografia: "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade." (LEJEUNE, 2008, p.14). Para Lejeune, tanto quanto o discurso histórico e o científico, a biografia e a autobiografia são textos referenciais, já que buscam apresentar informações sobre uma realidade exterior ao texto. A dicotomia que se estabelece entre a narração do fato recuperado na memória e o discurso ficcional que dá materialidade ao texto permite que o gênero autobiográfico transite livremente entre as fronteiras do real e do imaginário. A narrativa autobiográfica, mais que uma possibilidade de autoconhecimento, contém informações que, veladas ou claramente afirmadas, brindam a literatura com novos campos de pesquisa.

Nesse sentido *Coto vedado* (1985) é uma obra que rompe com a estética tradicional da narrativa autobiográfica, questiona as verdades estabelecidas, expõe de forma clara as dúvidas e indecisões do autor, sem a preocupação de construir ou vender uma imagem de fácil aceitação, aborda o binômio verdade e verdade literária e questiona inclusive os limites entre realidade e ficção

[...] cuando casi dos años más tarde empiezas a ordenar tus sentimientos e impresiones, plasmarlos en la página en blanco, vueltatrás sincopado, a bandazos, sujeto a los meandros de la memoria, imperativo de dar cuenta, a los demás y a ti mismo, de lo que fuiste y no eres, de quien pudiste ser y no has sido, de precisar, corregir, completar la realidad elaborada en tus sucesivas ficciones [...]" (GOYTISOLO, 1985, p. 29).

A leitura de *Coto vedado* oferece, mais que a autobiografia de Goytisolo, uma reflexão sobre o sentido da vida e uma reconciliação com o passado. Durante a cerimônia de lançamento dessa obra, o crítico literário Rafael Conte (2015) leu uma declaração do jornalista e diretor adjunto de "El País", Lluís Bassets, que afirma ser *Coto vedado* uma obra realizada "con mucho amor, con un amor duro y cruel a veces, que exalta lo que denigra. Un libro autobiográfico y valiente, de indagación y búsqueda que asume una mirada crítica, nada resignada de la propia historia personal y colectiva"

Lejeune, considerando as ambiguidades geradas pela semelhança e proximidade dos termos já citados, alerta para o fato de que só se considerará como autobiografia a obra que preencher todas as condições intrínsecas à definição, ou seja, apresentar uma linguagem narrativa em prosa desenvolvida em perspectiva retrospectiva, abordar como tema a vida individual ou a história de uma personalidade, haver coincidência entre a identidade do autor, do narrador e da personagem principal do relato, cujo nome deve remeter a uma pessoa real.

Esta última condição gera alguns problemas no que se refere à forma como se expressa a identidade no texto. Embora a identidade de uma autobiografia seja caracterizada pelo emprego da narrativa em primeira pessoa, existem casos, embora raros, de relatos em terceira pessoa ou até mesmo em segunda pessoa. Este seria o caso da obra em análise – *Coto vedado* (1985). Além disso, Lejeune (2008) observa que na comunicação oral também podem surgir complicações quanto à questão da identidade. Exemplificam isso as ocorrências de citações dentro de um determinado discurso, a representação teatral, a conversa por telefone, ou uma transmissão radiofônica e, ainda, a situação em que os falantes não têm contato visual.

Em síntese, Lejeune alerta para o fato de que o tema fundamental na autobiografia é o nome próprio. É este que dá autenticidade e credibilidade ao relato, é o ponto onde pessoa e discurso se articulam. E é por meio dele que se estabelece o pacto autobiográfico entre escritor e leitor. Vale lembrar que a definição apresentada por Lejeune se configura a partir da perspectiva do leitor.

Em *O que é a Literatura?* (1989) Sartre afirma que o ato de escrever pressupõe uma ação de desnudamento, ou seja, ao escrever, o escritor revela o mundo e se revela. Ao dar uma forma textual à sua experiência, o escritor reconstrói uma realidade a partir da qual os fatos narrados adquirem significado. Este conceito de literatura como forma de se dar a conhecer, enlaça simultaneamente autor e obra, gerando uma situação que é bastante complexa, na medida em que lida com conceitos polêmicos tais como verdade e realidade.

A preocupação com a fidelidade ao real é comentada pelo autor em "Un dios caído". Nessa entrevista Goytisolo enumera os motivos mais comuns que impulsionam o escritor à narrativa autobiográfica, e enfatiza: "[...] me refiero, en primer lugar, al ejercicio de rigor de someter la imaginación creadora a los límites estrictos de lo vivido y, [...] de poder medir, a pesar de ello, la infranqueable distancia que separa la realidad del texto". (GOYTISOLO, 1986,

p.3). Navajas (1979) comenta que esse trânsito entre o real e a ficção na narrativa autobiográfica de Goytisolo demonstra sua preocupação em exorcizar os "fantasmas" que povoam suas memórias da infância e que dessa forma procura livrar-se deles. As experiências traumáticas vividas quando criança são percebidas pelo autor com muito maior intensidade em sua vida adulta. Se é possível falar de um sofrimento racionalizado, depurado no decorrer da vida, claramente se perceberá que o sofrimento causado pela morte da mãe acentua-se com o passar do tempo

Sólo veinte años después - durante los preparativos del montaje de la película [...] el horror que presidió sus últimos instantes se impuso a tu conciencia con abrumadora nitidez. [...]. La cámara recorre con lentitud, en primer plano, el rostro de las víctimas y empapado de un sudor frío, adviertes de pronto la cruda posibilidad de que la figura temida aparezca de pronto. Por fortuna, la ausente veló de algún modo en evitarte, con pudor y elegancia, el reencuentro traumático, intempestivo. Pero te viste obligado a escurrirte del asiento, ir al bar, tomar una copa de algo, el tiempo necesario para ocultar tu emoción a los demás y discutir con ellos del filme como si nada hubiera ocurrido (GOYTISOLO. 1985, p.64).

Este fragmento exemplifica o longo processo de fragilização emocional do autor com relação às perdas afetivas, e de forma especial, à perda de sua mãe. A escritura poderia, nesse caso, ser uma forma de buscar o equilíbrio emocional ao permitir-lhe experimentar um processo catártico, mas Goytisolo descarta tal possibilidade: "Nunca los pensé (os livros autobiográficos) como un ajuste de cuentas, una provocación o por afán de escandalizar. Intentaba decir lo que fue mi vida, pero con un sentido de autocrítica". (GOYTISOLO, 2002).

Sartre (1989) afirma que, ao escrever, o autor convida o leitor a participar na transformação do mundo, e a Literatura é o meio pelo qual o escritor propõe a criação de novas realidades. Realidades que, ao serem mostradas, resultem em mudanças na estrutura da sociedade humana. E se escrever-se pressupõe um desnudamento, um trazer a público o que até então era particular e íntimo, há que se pensar uma mudança que tem início a partir da própria linguagem utilizada.

Ao apresentar sua autobiografia Goytisolo inova também pela mescla da estrutura convencional e da experimentação, pela eliminação dos símbolos de pontuação, uso de dois pontos que funcionam como elemento de conexão dentro do texto, utilização de dois tipos de fonte de escrita e parágrafos muito extensos que conferem à obra características bastante peculiares: "*Cortezas, hollejos, mudas de piel desprendidas a lo largo del camino de tu futura y*

extinta carrera de intelectual de servicio? entregada a qué?: a la promoción del mañana radiante o el mezquino, personal interés?: (GOYTISOLO, 1985, p. 292).

Essa estratégia discursiva destaca-se como um aspecto interessante em seu processo criativo, e ao longo de sua produção o autor se mantém fiel a esse intento de buscar novas formas de expressão linguística e de recuperar e atualizar o que considera moderno dentro de literatura espanhola. E resulta interessante observar em sua obra a comprovação de uma de suas premissas sobre a tarefa do escritor, ou seja, tomar a literatura enquanto uma aventura, um risco. Goytisolo cita Cervantes como modelo, quando afirma que cabe à literatura formular perguntas, questionar as propostas e respostas que impedem uma visão real de mundo e nesse sentido declara: "Considero que el deber de un intelectual es mostrar aquello que se oculta debajo de la alfombra, [...]. (GOYTISOLO, 2001, p.75).

Goytisolo prossegue sua narrativa intercalando no relato de suas memórias as reflexões do presente. Como já foi enfatizado, o autor muda a fonte da letra e o uso do pronome em segunda pessoa criando um efeito imagético que aparenta tratar-se de um relato dentro de outro. Esse recurso aparece em várias passagens como se comprova no fragmento a seguir

O, quince años más tarde, en el curso de un viaje sentimental al espacio de tu propia escritura, después de recorrer el paisaje solitario y agreste en el que se desenvolvía la trama de tus novelas, volver al lugar como el culpable retorna siempre al sitio de su crimen, inmerso en la masa bulliciosa y enardecida [...]. (GOYTISOLO, 1985, pp.30-31).

Em todo o texto é possível perceber a crítica dirigida ao que se considera como um dos valores mais tradicionais da cultura espanhola – o catolicismo. Dedicada a esse tema vários parágrafos. As touradas, outra instituição do país, também merecem destaque em sua autobiografia. Nas páginas 26 e 27 o autor apresenta uma cena de "encierro" (termo usado aqui na acepção de: "Festa popular que consiste em conduzir os touros à praça antes da tourada") descrevendo com detalhes a crueldade do espetáculo. Nesse fragmento seu relato se aproxima da narrativa de cunho realista, característica de sua escrita na fase inicial de sua produção literária.

A narrativa autobiográfica pode representar também uma aspiração do autor a configurar um sentido para a sua própria vida, ao eleger os fatos, e trabalhá-los com vistas a formar um texto coerente. Esse tipo de relato, no entanto, apresenta um conflito latente - o autor/narrador fala de um eu passado, que pretende ser a representação desse tempo passado, mas que é, na verdade, a imagem presente desse mesmo passado. Há ainda que considerar o caráter

híbrido dessa forma de narrativa, pois a verdade expressa será sempre a verdade do eu escritor/autor/narrador que necessariamente fará uso dos elementos formais da ficção para dar corpo ao seu relato, isto é, pela linguagem o escritor recria suas experiências. Estas, ao se tornarem matéria textual, se ficcionalizam. Embora ainda se observem divergências sobre alguns pontos tais como origem, definição, desenvolvimento e amplitude do gênero autobiográfico, significativo número de estudiosos do tema apresentam consenso quanto à sua importância, seu processo de desenvolvimento, e ainda quanto ao fato de que abarca, além da autobiografia, relatos de viagem, romances, filmes, entrevistas, o teatro, auto retrato, etc.

Segundo Starobinsk (1982) o relato autobiográfico seria uma interpretação feita pela pessoa sobre si mesma, e, como o "eu" que narra está separado do "eu" narrado, embora contenha marcas históricas, existenciais e documentais, a narrativa é ficcional. Para esse teórico a autobiografia exige como condições básicas que haja identidade entre o narrador e o sujeito da narração, que o relato não seja descritivo e que cubra um período de tempo suficiente para que se configure a trajetória de uma vida, que será sujeito e objeto da narrativa.

James Olney (1988) propõe o estudo da narrativa autobiografia a partir da constituição e desmembramento do próprio termo autobiografia – *autos*, *bios* e *graphé*. Ele considera que em sua primeira fase os textos autobiográficos foram interpretados como textos documentais que buscavam retratar com fidelidade uma vida. Nessa fase os estudos teriam como foco a etapa bios. Inscrevem-se nessa classificação de *bios* a proposta de Dilthey, (1976) que considera a narrativa autobiográfica em um duplo aspecto de organização e interpretação da realidade vivida, atribuindo um sentido aos fatos vivenciados. Nessa perspectiva a memória, entre outros fatores, evidencia a impossibilidade de reproduzir o passado e assegurar veracidade e exatidão à narrativa.

A etapa de *autos* estaria relacionada aos estudos de Georges Gusdorf (1991) para quem a narrativa autobiográfica gera um desdobramento do eu, em que a escritura recuperaria o eu e suas experiências por meio do eu que se estabelece no ato da escrita. Ele afirma que "La narración nos aporta el testimonio de un hombre sobre sí mismo, el debate de una existencia que dialoga con ella misma, a la búsqueda de su fidelidad más íntima" (GUSDORF, 1991, p.15). Nesse sentido o escritor perde sua idoneidade testemunhal e assume a condição de um sujeito em busca de sua identidade. Em *La Muerte es un apuro Lingüístico: Reflexiones sobre la Autobiografía* (1991) Carlos Muñoz Gutiérrez afirma

[...] Durante esta época del 'autos' hay algo tremendamente confuso: Desposeída de referencialidad la narración, de autoridad el autor, de veracidad los hechos, la autobiografía no es posible y sin embargo en las narraciones autobiográficas parece residir un contenido

cognitivo importante al que hay que encontrarle fundamento [...].

A observação de Gutiérrez destaca não só a complexidade do tema que tenta dar conta de questões tão problemáticas como conciliar em um mesmo sujeito narrador dois eus já irremediavelmente separados; fundir em um mesmo corpus o real e a ficção, o privado e o público, e ainda assim preservar o pacto com o leitor. No entanto o gênero, questionado em seu aspecto de literariedade, suscita o interesse do leitor e cobra a atenção dos estudiosos. E de forma especial quando a obra que se coloca em análise rompe com o canônico e apresenta uma originalidade que substitui a ausência de referencialidade, consolida o pacto com seu leitor e revela a sua verdade. Vários críticos situam nessa classificação a narrativa autobiográfica de Goytisolo.

A terceira fase proposta por James Olney corresponde à *graphé*. Nessa etapa o foco recai sobre o sujeito e a linguagem. O desdobramento do eu já citado por Georges Gusdorf levaria a um desdobramento infinito do eu narrado, afastando-o cada vez mais de uma vida real e em consequência a linguagem se transforma em um instrumento de retórica, pois as palavras não captam mais o sentido do ser e se esvaziam de sentido e o que seria em princípio fato se torna tão somente ficção.

Para Lejeune (2008) o pacto autobiográfico estabelecido entre o autor e o leitor dá a este último a garantia de que autor, narrador e protagonista se referem à mesma pessoa: “[...] a personagem não tem nome na narrativa, mas o autor declarou-se explicitamente idêntico ao narrador logo à personagem, já que a narrativa é autodiegética em um pacto inicial” (LEJEUNE, 2008, p.30). Por um lado, a autobiografia goza de um status de veracidade conferido pelo autor, que narra sua própria história sem nenhum tipo de mediador, oficializado pelo pacto autobiográfico. Por outra parte, o eu narrado ficcionaliza-se pelo discurso do enunciador, mesclando, muitas vezes no mesmo enunciado, objetividade e subjetividade, o que resulta em um paradoxo em que se fundem a realidade vivida e a realidade transcrita e, em algumas situações, concretiza em matéria narrativa a realidade desejada.

Alguns aspectos como o relato retrospectivo em prosa, o uso da primeira pessoa, a comprovação de alguns fatos narrados, a trajetória individual ou a história de uma personalidade como tema, a coincidência entre a identidade do autor, do narrador e da personagem principal do relato cujo nome deve remeter a uma pessoa real levam à classificação de um texto como autobiográfico. Porém a veracidade de uma história resgatada pela memória conduz a outras questões conectadas às reminiscências, ao esquecimento e a tantas outras que a envolvem, alertando para a questão dos limites entre autobiografia e ficção. Pensar qual seria o lugar do autor na produção de Goytisolo passa pela revisão das condições históricas da sociedade espanhola que influíram na constituição de sua subjetividade, na experiência de perdas e

de distanciamento que tratou de enfrentar por meio da escritura. Talvez se possa pensar que seu lugar não seja exatamente “uma ausência de lugar”, como ele afirmou, mas um ponto no íntimo de cada pessoa onde um espelho mostre mais que a imagem, a própria vida em toda sua grandeza, miséria, finitude e eternidade materializadas na escritura do eu.

REFERÊNCIAS

CONTE, Rafael. *Juan Goytisolo presentó su libro Coto vedado un libre examen de conciencia*. http://elpais.com/diario/1985/01/31/475974004_850215.html Acesso em 03/2015.

DE MAN, Paul. *La autobiografía como desfiguración*. Suplementos Anthropos n. 29. La autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona: Anthropos, 1991.

DILTHEY, Wilhem. *Selected writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

GOYTISOLO, Juan. *Coto vedado*. Barcelona: Seix Barral, 1985.

_____. *Tradición y disidencia*. México: Planeta Mexicana, 2001.

_____. *Goytisolo ejerce la autocrítica y aborda literatura*. Ciudad de México. 01/06/2002. <http://www.elconfesionario.com.ar/noticias/2002.htm>.

Entrevista a SILVIA ISABEL GAMEZ. Acesso em 03/08/2012.

_____. *Un dios caído*. Madrid. 1/11/1986. <http://www.abc.es/cultura/LiBros/20141124/abci-premio-cervantes-201411241255.html>. Acesso em 03/2012

GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía. *Anthropos: Boletín de información y documentación*, ISSN 0211-5611, Nº Extra 29, 1991 (Ejemplar dedicado a: La autobiografía y sus problemas teóricos. páginas 9-18 <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=282704>. Acesso em 8/2012.

GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz. La Muerte es un apuro Lingüístico: Reflexiones sobre la Autobiografía. A Parte Rei. *Revista de Filosofía* 11, 1991. <http://serbal.pntic.mec.es/AParteRei/deman.pdf>. Acesso em 03/2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* – tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes – Belo Horizonte: UFMG, 2008.

NAVAJAS, Gonzalo. *La novela de Juan Goytisolo*. Madrid: SGEL, 1979.

OLNEY, James. *Memory and Narrative: The Weave of Life-Writing*. Chicago: University of Chicago, 1988.

SARTRE, Jean Paul. *O que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1989.

STAROBINSK, Jean. *Jean-Jacques Rousseau. La trasparenza e L'Ostacolo*, Bolonha: Il Mulino, 1982.